

**CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL - UNINTER  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E NOVAS  
TECNOLOGIAS**

**AGENOR RAMOS DO PRADO FILHO**

**PRODUTO DA DISSERTAÇÃO  
DICIONÁRIO ON LINE PARA REFLEXÕES ACERCA DA  
EDUCAÇÃO BÁSICA EM ESTRUTURA CÍVICO-MILITAR**

**CURITIBA**

**2022**

Por meio da revisão sistemática documental, da revisão sistemática de literatura e da análise diagnóstica com uma comunidade escolar da Educação Básica sobre as perspectivas desta temática e ao retomar o objetivo central desta pesquisa que é estruturar um protótipo de dicionário *on line* crítico acerca de termos e conceitos que envolvem tais escolas, sendo um suporte acadêmico para reflexões (a aplicações), vê-se que verbete é, em sua origem, um texto escrito de caráter informativo, no intuito de se explicar conceitos necessários e já determinados por padrões estabelecidos, segundo seus ideais e pontos de vista.

Em um convite *on line* para o debate acerca do tema “cívico-militar e educação”, foi desenvolvido e publicado, por meio da plataforma Google. Sites, o “C-M-REFLEXÕES”, o qual pode ser acessado por:

<https://sites.google.com/view/c-mreflex/in%C3%ADcio>

**Figura 1:** QRCODE site



Fonte: o autor (2022)

Cabe, portanto, esclarecer, que os termos aqui escolhidos tendem a esclarecer diversas palavras que, automaticamente, encontram ligação direta no projeto Cívico-Militar aqui trabalhado.

Uma vez existindo a necessidade de se desenvolver um produto tecnológico aplicável, visa-se a utilidade desse dicionário de verbetes, onde trataremos de pontos relevantes, explicando-os sob o ponto de vista de sua aplicabilidade e relevância prática na vida daqueles que dele farão uso. Por tratar-se de um projeto relativamente novo, quando comparado às demais práticas de ensino, visamos a criação e a implementação desse dicionário

específico e on-line, a fim de assim, estar aberto para a pesquisa e a participação efetiva por parte daqueles que assim desejarem interagir.

Para tanto, foram escolhidas palavras direcionadas ao modelo, bem como a sua intencionalidade, para que assim, possa ser destacado e compartilhado, visando sua discussão e interpretação de maneira prática e funcional, mas fundamentalmente, estando aberto para sua análise criteriosa e, logicamente, possibilitando os acréscimos que se acharem relevantes.

Como já fora dito, o termo Cívico-Militar, na essência pela qual se deseja expandir, ainda carece de muitas pesquisas e participação de toda sociedade local envolvida, portanto, desejável que tal trabalho seja realizado e visto acima de paixões políticas, não que essas não façam parte de uma discussão saudável, mas sim, que a democracia tão propagada na teoria encontre guarida na prática, para que enfim, seu êxito seja alcançado.

Tais termos escolhidos em ordem alfabética trazem então o desejo de demonstrar que o modelo adotado tem em seu cerne a vontade de melhorar, unir, somar e realizar, muito acima de apenas e tão somente destruir conceitos distintos, tampouco de querer se mostrar superior a qualquer outro modelo, longe disso, mas que as palavras escolhidas sejam refletidas e vistas no cotidiano escolar, de modo verdadeiro e para todos.

**Adesão:** item básico para a inicialização do projeto Cívico-Militar, as escolas que desejam participar do processo precisam entrar em contato com suas respectivas secretarias de educação, e assim, tendo os estados e municípios aderido ao projeto, recebem as devidas instruções para os passos seguintes. Importante lembrar que as escolas devem preencher os requisitos básicos, entre eles: estarem localizadas em capitais ou regiões metropolitanas; baixo IDEB; local em vulnerabilidade social e com casos graves de evasão escolar.

**Benefícios:** uma vez tendo sua aplicabilidade assegurada, atende e beneficia a todos os atores envolvidos no cotidiano escolar, trazendo a médio prazo uma profunda mudança no ambiente escolar, outrora conturbado e sem controle. Continua sendo pública e aberta aos que dela se dispuserem a participar, trazendo também a possibilidade de um ensino pautado na pesquisa

e no ensino de qualidade, sem a cobrança de demais valores nem taxas para tanto.

**Compromisso:** Qualquer alteração metodológica só se fará exitosa quando todos entendem e decidem fazer dela um pacto pela melhoria de todos. Com isso, uma vez escolhido o método pela maioria da comunidade, devem ficar acertados os papéis de cada um no plano em curso. Aqui, o compromisso em cumprir as atividades previamente decididas em equipe precisam estar acima de conceitos individuais, sempre na busca do bem coletivo.

**Disciplina:** as ações disciplinares colocadas em prática, desde os primeiros dias do projeto, visam fazer do colégio um local que possibilite a todos um aprendizado profundo e eficaz. Para tanto, com firmeza e austeridade, o coletivo fica ciente sobre a importância de se promover a disciplina em todos os locais da instituição de ensino, e com isso, entende e partilha da necessidade de se buscar essa prática constantemente.

**Expectativa:** a julgar pela procura dos responsáveis, causando inclusive listas de espera nas escolas que aderiram ao projeto Cívico-Militar, é grande a expectativa das comunidades locais pelo pleno e exitoso sucesso do sistema. Todavia, se faz preciso ser entendido, de modo claro e inequívoco, que mudanças em setores tão complexos e problemáticos necessitam da paciência e da participação efetiva de todos seus componentes. Além do mais, tais desempenhos precisarão dispor de um tempo hábil para ser analisado com eficiência.

**Formação:** Como acontece naturalmente em qualquer mudança de sistema já estabelecido, as novas diretrizes para a implementação Cívico-Militar necessitarão ser trabalhadas de forma paulatina e planejada. A falha e o descaso na formação dos profissionais da educação não é nenhuma novidade para quem atua no meio, e, se isso acontece no sistema anterior, quanto mais será fundamental numa prática tão diferenciada. Por isso, o quando e o como realizar as práticas da nova metodologia precisam ser passadas e repassadas com o decorrer do ano letivo, sempre de maneira prática e periódica.

**Gestão:** A forma proposta de dupla direção será colocada à prova, embora não seja inovadora, está longe de ser vista com frequência. Muito embora as atribuições sejam claras e muito bem definidas, dependerão de uma boa interação de ambos os lados. Como ao que tudo indica não serão realizadas

eleições diretas na parte civil, a escolha ficará a cargo das respectivas Secretarias de Educação.

**Hierarquia:** fator essencial e basilar ao método militar, certamente a hierarquia receberá um papel de destaque desde os primeiros momentos da implementação do método. Isso porque tal conceito não faz mais parte do cotidiano da sociedade brasileira, pelo menos não da maneira que era encarada há algumas décadas.

Se mesmo no contexto familiar já não observamos uma divisão clara por idade ou experiência, o setor profissional e social não ficou atrás. Com isso, o sistema militar, que traz de modo inerente e claro em sua estrutura as suas subordinações, precisará ensinar suas divisões de cargos e tarefas, pois isso será de fundamental importância, de modo claro e didático.

**Inovação:** Apesar de trazer uma considerável polêmica no meio acadêmico, fato é que a implementação da Escola Cívico-Militar tem trazido aos seus defensores uma esperança de mudança e de inovação. Todavia, o fato de ser diferente não traz em si a certeza de ser bem-sucedido, necessitando, portanto, de práticas muito bem pensadas e que possam ir além de projetor momentâneos e superficiais, uma vez que a simples injeção financeira já se provou ineficaz para o avanço educacional no país.

**Jurisdição:** Uma vez que estados e municípios terão a autonomia da escolha para o ingresso no projeto, a tendência é que suas inevitáveis situações-problema possam ser resolvidas de modo mais rápido e prático. Algumas especificações quanto ao fardamento e demais peculiaridades certamente precisarão de medidas locais, respeitando suas individualidades, sempre a serviço do andamento e de respostas mais satisfatórias para que sejam resolvidas a contento.

**Know-how:** A mistura de dois sistemas tão diferentes, num mesmo setor, e sem um relativo tempo para testes e adequações, faz com que o projeto traga consigo inúmeras práticas já praticadas de maneira exitosa nas escolas militares brasileiras. Para tanto, o sistema, pelo menos na teoria, será realizado por profissionais da reserva, com uma considerável experiência de vida, bem como no trato de diferentes tipos de treinamentos e abordagens.

**Longevidade:** Das inúmeras dúvidas e expectativas quem rodeiam o projeto, certamente a sua durabilidade está entre as mais incertas. Por tratar-se

de um país onde ideologias são jogadas e impostas, muitas vezes assemelhando-se a um clássico de futebol, cada gestor, família ou estudante não disponibiliza da menor certeza de que tal projeto terá ou não uma vida longa. E isso independentemente de seus resultados ou da aceitação por parte da comunidade, uma vez que, estamos tratando de mais uma política de governo, não de uma política de estado, estando, portanto, ao sabor do vento, e dependendo principalmente do veredicto da eleição seguinte.

**Manual:** item de suma importância em cada instituição de ensino, dele serão extraídas as respostas para o pleno andamento na implementação do projeto., pois um manual apenas copiado de outro estado ou município certamente trará inúmeras dificuldades aos seus integrantes. Entretanto, isso não se trata de uma autorização para que cada escola tenha seu próprio manual 100% independente, afinal, as diretrizes das escolas Cívico-Militares existem e deverão ser respeitadas, todavia, um material bem pensado e discutido na comunidade, mexendo naquilo que for realmente relevante e necessário, poderá aproximar e unir a todos os seus componentes de forma saudável e contributiva.

**Normatização:** As normatizações que serão recebidas, discutidas e praticadas no cotidiano escolar devem ser esclarecidas já nos primeiros dias do projeto. Isso porque, se do lado civil as novidades tendem a ser ínfimas, as do lado militar serão quase totalmente desconhecidas. Com isso, as diversas orientações precisarão ser trabalhadas de modo didático e efetivo, não deixando margens para assuntos nebulosos ou em aberto no novo sistema.

**Organização:** Por uma escola mais organizada e capaz de atender aos anseios de seus participantes, seus gestores deverão se debruçar nas maneiras pelas quais irão interagir junto aos seus componentes. Por isso, as regras precisam ser claras, coerentes e sem o deplorável jeitinho brasileiro, para que mesmo a curto prazo, consiga oferecer o mínimo de mudança satisfatória. Isso fala de uma gestão bem pensada e ágil, onde as tarefas sejam pré-estabelecidas e realizadas à risca e com propósito, mesmo porque, sabemos de antemão que o número de funcionários não será aumentado como num passe de mágica.

**Patriotismo:** Mais um fator muito caro ao sistema militar encontramos no respeito aos símbolos da pátria. Inegavelmente não vivemos dias em que a população em geral conheça, e, portanto, valorize nossos hinos e bandeiras. Chegamos ao cúmulo de precisar impor leis estaduais para que se obrigue um

cidadão a cantar o hino de seu país, e mesmo assim, muitas escolas jamais colocaram isso em prática. Ouvimos torcidas de futebol tripudiando em cima do Hino máximo da pátria, e nos últimos tempos, tal símbolo virou até sinônimo de desentendimento político-partidário, o que já demonstra o nível de sandice ao qual nos encontramos.

**Qualidade:** O nível de excelência que se deseja alcançar com o projeto proposto fala muito do aumento efetivo na qualidade que se deseja para o local de ensino como um todo. E aqui não se trata apenas de dinheiro, fator que também será importantíssimo para tal resultado, mas acima de tudo fala do grau de comprometimento de todos pelo bem comum durante todo o processo. Da assiduidade ao cuidado com o patrimônio público, por cada ação planejada e executada, em cada uma delas deverá estar embutida a certeza de fazer o melhor que estiver ao alcance.

**Resultados:** o Brasil participa de diversos órgãos competentes que medem nosso desempenho na área educacional. Tradicionalmente esses resultados são utilizados das mais variadas formas, às vezes de modo meramente político, para então poder agir nas áreas necessárias. Assim, entendidos de que nenhuma magia pode ser realizada na busca por melhorias, espera-se que, com as mudanças comportamentais e sistemáticas vividas pelo novo projeto, consiga se refletir muito em breve em avanços no aprendizado de cada estudante. Muito além de números frios, mas sim, no aumento da formação de cidadãos melhores e mais participantes da comunidade local.

**Segurança:** a presença da Polícia Militar já não é mais uma novidade nas escolas paranaenses, visto que, as patrulhas escolares já existem no estado desde 1994. Entretanto, devido ao baixo número de profissionais, há tempos não consegue trabalhar de maneira satisfatória. Com isso, as ocorrências dentro e fora das escolas acabam por ser muitas vezes relevadas e até mesmo resolvidas pelos próprios moradores e gestores escolares. É natural que a presença constante prevista no projeto fará com que as ações possam ser atendidas de maneira mais eficaz, não apenas de maneira ostensiva, mas acima de tudo preventiva.

**Tenacidade:** o poder de resistir e persistir, apesar das adversidades vividas no cotidiano nacional, parecem ser inerentes a boa parte da população brasileira. Ser tenaz aqui fala de estar pronto para aprender a ouvir, observar e

fundamentalmente praticar a mudanças que o novo modelo escolar trará a todos seus membros. E isso precisará ser colocado e explicado com muita parcimônia, uma vez que se trata de um modelo diferenciado, a ser aplicado numa geração não muita afeita a pagar o preço pelas suas conquistas.

**Uniformes:** as tratativas e discussões sobre o uso dos uniformes escolares já existem há algum tempo, em qualquer modelo escolar. E entre aqueles que os defendem fazem parte as afirmações de que facilita a identificação de um estudante, aumentando assim, a diferenciação de quem está no local realmente para estudar. Importante salientar que tais vestimentas não terão valor adicional para as famílias, porém, serão peças obrigatórias para o acesso ao ambiente escolar.

**Valores:** escola alguma deve ter a pretensão de usurpar da família o sagrado papel de ensinar, bem como de cobrar valores de qualquer estudante, porém, tem uma posição essencial na colaboração de tais ideais. Em ações como respeito, inclusão, cooperação, acolhimento e orientação estão alguns dos pontos em que o projeto terá à disposição para ser o braço amigo, ajudando a todos aqueles que fizerem parte do projeto.

**WI-FI:** a tecnologia a serviço da educação e do aprendizado precisa ser revista e incentivada. Apesar das muitas discussões a respeito do uso do celular em sala de aula, certo é que o aprendizado fica mais dinâmico e eficaz, onde o bom e velho quadro de giz não seja a única ferramenta tecnológica à disposição dos componentes da escola.

**X da questão:** o modelo Cívico-Militar não é melhor ou pior em comparação aos demais modelos de gestão escolar encontrados no país. Esse não é o X da questão. Por isso, gestores e familiares que porventura ingressarem no modelo precisam estar cientes de que os defensores do projeto jamais colocaram isso como meta, tampouco tem essa pretensão. O sistema não deverá ser visto como a solução para todos os problemas vividos na educação. E por fim, sua principal função está em oferecer uma nova possibilidade de escolha para o aprendizado de nossos estudantes, sem desmerecer as demais formas de ensino já existentes.

**Youtube:** com a busca intensa por uma internet cada vez mais potente e livre para seu uso em atividades pedagógicas, a ferramenta Youtube ganha



enorme destaque. O mundo ao toque dos dedos, fazendo com que aulas se tornem muito mais atrativas e visuais, ainda mais para o atendimento da geração tecnológica.

**Zelo:** o sentimento de pertencimento precisa ser trabalhado através de palestras e demais práticas constantes, unindo a comunidade aos profissionais que trabalham na escola. Parece pouco, mas na importância da conscientização do termo “público” está uma ação fundamental para que o zelo pela escola seja aprendido e vivido diariamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação buscou aprofundar e levar à reflexão a implementação das escolas Cívico-Militares no país. Durante seu processo se fez necessário abordarmos e entendermos as dúvidas; dilemas; queixas e sugestões feitas por partes que fazem parte do cenário. Importantíssimo levarmos em consideração as vozes desse cenário que por muitas décadas jamais foram consultadas na prática, entendermos que em seus posicionamentos muitas vezes está a simples vontade de participar das escolhas que por tempos lhes foram songadas.

Dentre elas, encontramos à procura por um ambiente escolar mais seguro, onde a falácia de liberdade pela liberdade não seja imposta pelo simples pretexto de se deixar crescer sem rumo ou projeto.

Fica claro, desde a escolha do projeto a ser implementado, até os dias atuais, que o processo será longo e penoso, todavia possível de ser aplicado, desde que todos os seus atores estejam dispostos a doar-se muito além de suas próprias vontades e desejos próprios.

Por isso, evidencia-se que o modelo Cívico-Militar jamais se coloca como única e satisfatória fonte de sucesso pedagógico, tampouco que uma simples troca de sistema será capaz de resolver, a toque de caixa, um problema educacional tão complexo e duradouro, que há muito tempo nos envergonha nos mais variados sensores nacionais e internacionais, porém, certo de que, com planejamento, suor e participação leal de todos, o sistema será exitoso para todos.

Se nós educadores desejamos colocar a prática educativa a serviço da democratização social, importa que ela seja eficiente, isto é, que todos os estudantes aprendam aquilo que necessitam aprender e, por aprenderem, se desenvolvam. Então, todos adquirirão recursos para buscar o seu lugar na vida social em situação de igualdade. (LUCKESI, 2018, p. 130).

Enfim, mostra-se nítido para nós educadores que algo precisa ser feito, mesmo que para tanto, tenhamos que rever alguns conceitos de que jamais pensaríamos abrir mão. Para tanto, que nunca deixemos a prepotência e a arrogância nos enganarem, como sábios e infalíveis, capazes de encontramos e dominarmos uma saída fácil e rápida para o buraco em que nos encontramos na educação.

Que estejamos dispostos a colocar ideias em prática, onde o respeito e

a disciplina possam dar suporte ao aprendizado, calcado sempre na busca pelo conhecimento real e duradouro, para que as futuras gerações formadas nesse sistema, por elas mesmas, possam testemunhar até que ponto o rompimento com as liberdades ilimitadas, vividas nas últimas décadas, puderam ajudá-las a mudar seus conceitos de vida, com atitudes relevantes e práticas, onde a mudança seja clara e perceptível.

E foi precisamente isso que Chico disse na “Banda”. Cada um estava concentrado em seu sonhinho, a namorada, o faroleiro, o homem rico, a moça feia, o homem velho... Cada um na sua, não havia povo, tal como nós do Brasil, país que não tem povo porque não há sonhos belos para sonhar. Mas aí passou uma banda, e o que ela tocava era tão bonito que os sonhos de cada um logo ficaram pequenos e foram esquecidos. Esquecidos os sonhinhos individuais, formou-se a procissão dos que seguiam o sonhão que a banda tocava. Um povo nasceu. A “Banda” contém a teoria política do nascimento de um povo. (ALVES, 2015, p. 25)

Enfim, que estejamos mais interessados na coletividade, cultivando um ambiente onde a honestidade, o respeito e a ordem não sejam tratadas de forma generalizadas como retrógradas em si, mas sim que quando trabalhadas com critérios e determinação, podem ainda fazer a diferença na vida das pessoas, muito além de apenas uma preparação para o mercado de trabalho, mas antes de tudo, fazendo a diferença na vida de cidadãos que amam e respeitam sua terra natal, não somente na teoria, mas antes de tudo nas ações que realizam de maneira prática.

Um profissional da educação vive por no mínimo quatro anos num banco de graduação, depois, muitos desses acabam passando por especializações, mestrados, doutorados e até pós-doutorado, entretanto, nenhum desses importantes métodos de capacitação pode, por si próprio, dar aos futuros professores a certeza de que, ao se deparar com uma sala de aula lotada, terá um desempenho satisfatório.

Longe de querer com isso desmerecer ou deixar de comentar sobre a importância de se preparar mais e mais, mas apenas entrar num assunto tão caro e necessário para qualquer atuação, quando tratamos da experiência prática de chão de sala.

Nenhuma capacitação, por melhor que seja pensada e preparada, poderá dar aos seus participantes a firmeza de encarar uma turma com facilidade e segurança, sem considerar o tempo de prática. Mas entender o porquê de tal

paradoxo, em que apesar de ser preciso muita teoria, não poderá ser útil quando desconexa com a realidade, torna-se de grande valia ao debatermos a capacitação de professores nas mais diversas faixas etárias da educação.

E muito comum se ouvir falar de capacitação durante no mínimo duas vezes do ano letivo, sendo uma bem no começo da temporada, e outra aproximadamente lá pelo meio do ano letivo, mas geralmente trata-se de atividades protocolares, impostas de cima para baixo, sem um sentido relevante, desrespeitando inclusive a comunidade escolar local e suas reais dificuldades, onde não acabam por somar em nada de forma factual, perdendo inclusive uma das grandes e únicas chances de se juntar o corpo docente de maneira completa, deixando passar uma excelente possibilidade de troca e de aprendizado em equipe.

Certamente que a culpa não deve ser colocada exclusivamente nas costas do estado, uma vez que a escola por muitas vezes abre mão de sua autonomia, em nome de uma pretensa imposição, quando poderia simplesmente programar-se para uma semana recheada de eventos voltados às dificuldades locais e reais, fazendo com que seus componentes pudessem se ver nelas, de modo sincero e democrático, tendo a chance de ter vez e voz de fala, uma vez que nenhum gestor público de fora tem maior possibilidade de saber os reais desafios que os esperam, sendo assim, acabam por escolher fazer mais do mesmo, respondendo perguntas vazias e generalizadas perante tantos obstáculos particulares.

Nas ações práticas de gestão, surge a necessidade de participação de todos os seus agentes, ou seja, de professores, responsáveis, equipe gestora, funcionários e alunos, todos no intuito de se buscar uma escola mais segura e planejada, em que os objetivos possam ser comuns e práticos, sem a frieza de um simples documento feito e pensado por poucos, isso na teoria funciona muito bem, mas raramente será visto na prática, e isso pelos mais variados tipos de dificuldades.

Basta uma simples convocação para uma reunião pedagógica para observar que muitos dos responsáveis pelos estudantes não comparecerão, seja por desinteresse ou por impossibilidade profissional, fazendo com que o poder de decisão para assuntos relevantes e, de interesse público, não ultrapasse os

muros da escola, ficando, portanto, sem a amarra fundamental para as atitudes a serem tomadas no cotidiano da escola.

A construção de uma escola participativa e acolhedora, capaz de promover ações que realmente consiga alcançar seu papel na sociedade, parte fundamentalmente da participação efetiva da comunidade local. A democracia precisa estar impregnada nela, sem meio termo ou parcialidade, mas para isso irá requerer muito trabalho e empenho, a médio e longo prazo, daqueles que a comanda, pois sem isso as coisas tendem a estagnar ou até piorar.

No imaginário infantil podemos resgatar momentos de festas na escola, lotada e cheia de atividades nas datas comemorativas, e ainda hoje, em determinadas regiões, o gestor sente a participação dos moradores, tanto na construção, quanto na execução das atividades.

Mas alguns gestores vivem o drama de tentar chamar, para promover algum evento e não ter retorno algum. É então que vem o desânimo e a intenção de declarar a comunidade como não participativa, fria e indiferente às atividades dos próprios filhos. Muitos desconhecem, mas diretores e suas equipes muitas vezes correm atrás dos comerciantes locais, buscando investimentos que possam ajudá-los, sempre buscando maneiras de promoção, uma vez que nesses eventos estão a tentativa de se conseguir as condições de melhorias para a escola.

Em tudo isso existe a formação do professor, onde ao participar de tantas atividades, começa a entender a comunidade em que está inserido, uma vez que muitos não trabalham na região em moram.

Aqui está um fator que quase sempre não está ligado à realidade dos planejamentos de educação, a de entender, promover e construir uma afinidade entre professor x comunidade local. Esse elo, esse vínculo profissional afetivo quase sempre é abandonado ou deixado em segundo plano, por entender que o importante é não faltar professor, pouco importando se ele conhece seu público ou não.

Demonstra-se assim, entender que tanto faz a comunidade em que trabalha, que estudante é tudo igual, e que não precisa de uma trabalho prévio para obter-se sucesso, todavia, no decorrer do percurso isso acaba se mostrando como um grande equívoco, uma vez que tal profissional acaba por demorar muito e se adaptar, mas sem a mínima certeza de que no ano seguinte

estará novamente na região, por isso a importância de se promover concurso público, palavras que tornaram-se como palavras para os gestores políticos modernos, para que então a situação tivesse um melhor desfecho, assegurando mais ferramentas de planejamento a todos os envolvidos na escola, não para apenas dar estabilidade fria e desqualificada, mas sim, para promover a formação de uma equipe mais coesa e melhor distribuída, de maneira pensada e orientada para os desafios que cada ano letivo carrega.

Dessa forma, muitas capacitações podem e devem ser promovidas, com fundamentações práticas e locais, fugindo do marasmo e das obviedades que acabam por acontecer.

Com o trabalho tendo acontecido de forma remota, pode-se dizer que nas últimas reuniões os assuntos foram mais relevantes e certamente diferentes das sonolentas atividades passadas, que mais serviam para trocar experiências sobre as férias do que qualquer outra coisa.

A partir de março de 2020, muitos gestores precisaram aprender a aprender, pois só assim conseguiram colocar em prática a enxurrada de mudanças vividas com a necessidade de se trabalhar longe das salas de aula.

Professores e demais envolvidos na parte pedagógica precisaram iniciar o aprendizado de habilidades que, apesar de parecerem momentâneas, tendem a nos mostrar que vieram para ficar.

De uma hora para outra tiveram que aprender a mexer com microfone, câmera, pastas, e-mail, fazer reunião síncrona, e é claro, participar de um número inimaginável de grupos de whatsapp, ferramenta inclusive que há muito tempo deixou de ser particular, passando a ser o caminho mais direto e rápido entre os componentes da escola, fator que levou cada educador a ser chamado, interpelado e incomodado a qualquer parte do dia, incluindo finais de semana.

Tratamos tais mudanças como assuntos sem volta, uma vez que, apesar de lutarmos e desejarmos o fim da pandemia mundial, temos a devida clareza que ficarão o aprendizado e a prática da maioria delas mesmo pós pandemia, uma vez que os investimentos feitos não poderão simplesmente desaparecer, afinal, a tecnologia avança e continuará avançando, não podendo a escola ficar à margem dessa realidade.

Por fim, entendendo que a tecnologia é fundamental e precisa ser buscada, outros fatores acabam precisando também de cuidados redobrados na hora de se pensar na capacitação de todos os envolvidos na escola.

Como conhecer e atender alunos com deficiência; tipos de laudos; casos de maior complexidade, seja social, física ou emocional; apresentar materiais e salas disponíveis para desempenho de disciplinas específicas; número de profissionais para entendimento dos desafios e das carências; particularidades da comunidade local em que a escola está inserida; datas de eventos e dos momentos pedagógicos para um melhor fluir da dinâmica da escola, são alguns dos fatores que devem ser trabalhados e expostos logo no início do ano letivo, para assim, serem traçados planos e metas para um exitoso trabalho em equipe.

Ao voltar a pensar nas ECIM, na parte das vestimentas e suas ordenanças, já temos diversos pontos a serem trabalhados, assuntos que certamente trarão consigo alguns questionamentos e até debates a serem resolvidos pelo setor responsável.

Aqui já temos um grande motivo para ser discutido e resolvido já no início da implementação. Poderão ser discutidos e mudados alguns pontos claros e descritos no manual, ou isso abrirá margem para que ao amenizar-se um ponto acabe por deixar outros passíveis de alteração? Essas perguntas só serão respondidas com o trabalho e as conversas a serem feitas no ambiente propício, envolvendo assim, o lado cívico do projeto.

Para ser mais específico, é necessário trazermos pontos factíveis dos possíveis problemas a serem vividos na escola, para entendermos os desafios que estarão no cotidiano da escola.

Ponto 1: Corte de cabelo: estamos no século 21, as coisas mudaram e se transformaram de tal forma que não dificilmente convivemos com os mais variados tipos de cortes, com seus tamanhos e cores, ações que trazem em si, gostos pessoais, atos de pertencimento a determinada turma, ou simplesmente o fato de querer estar na moda. E aí teremos um caso inequívoco de impasse entre regimento e realidade, uma vez que o manual é claro quanto a isso.

Em se fazer cumprir o que está escrito a escola precisará ter subsídios e sustentação do núcleo de educação para tanto, uma vez que as críticas e denúncias certamente farão parte frequentemente do setor.

Ponto 2: As vestimentas: quem trabalha em escola já está acostumado com as encrencas geradas pela falta de uniforme, pela escolha dele e mesmo pela sua obrigatoriedade.

É muito comum conviver com esses problemas, ao ponto da maioria das escolas terem algumas peças doadas para a reposição daqueles que desobedecem às regras de uso.

Como segundo caso, o quanto traria de problema ao gestor fazer com que um estudante não seja autorizado a adentrar as dependências da escola no caso de apresentar-se sem as completas vestimentas, também parece ser um dilema na hora de se pensar na aplicação das regras do sistema proposto.

Ponto 3: Casos disciplinares: Vivemos uma sociedade onde o cumprimento dos deveres está muito aquém da luta pelos direitos. Quase sempre o fato de se cobrar alguém em público por uma atividade não realizada pode gerar os mais variados tipos de transtornos, chegando até a causar denúncias, conforme a maneira pela qual tal situação seja praticada.

Por isso, embora o estatuto seja claro e cristalino quanto às ações tomadas diante de atos infracionais, verdade é que o modo ou os mecanismos punitivos poderão gerar inúmeras situações conflituosas, mesmo porque, a sociedade já não enxerga mais no grito e na imposição os modelos aceitáveis para resolução de assuntos ligados à indisciplina, acrescentando ainda que o afastamento do estudante nos moldes antigos da suspensão já encontra resistência nos moldes pedagógicos. Existem até quem defenda que, após o erro cometido, punir de modo firme acaba por piorar a situação já problemática.

Quanto ao diretor cívico, suas atribuições não parecem fugir muito das que já fazem parte de seu cotidiano, porém, com a diferença de atuar agora com um parceiro na direção, que apesar de trabalhar mais em assuntos disciplinares, não deixará de participar das inúmeras tomadas de decisão no decorrer do ano letivo.

Como crítica ao sistema, está a imposição do estado em fazer a escolha desse diretor de forma antidemocrática, ou seja, sem a participação efetiva da comunidade através de eleição, preferindo a indicação, e não pelo voto de todos os atores participantes da escola. Isso tem trazido críticas constantes e bem argumentadas, uma vez que foram colocadas de maneira desnecessária diante



de uma prática já consolidada de eleição direta, mesmo sabendo que tal ação democrática não dá a certeza de trabalho bem executado.

Por tratar-se do responsável pela parte civil, terá a incumbência de fazer as pontes com o núcleo de educação regional, como aliás já tem na normalidade, tendo suas decisões diretas e indiretas quanto à formação da equipe de funcionários sem a influência do diretor militar.

Quanto aos professores, encontramos um novo e complexo problema, uma vez que a polarização política no país acaba por afetar o ambiente escolar de maneira direta.

As remoções aconteceram desde o início do projeto de maneira tradicional, entretanto, muitos profissionais que não comungam do pensamento disposto no projeto, acabaram permanecendo, dessa forma, será preciso acontecer um trabalho de conscientização, com falar e trocas de ideias francas, para que o corpo docente não acabe por se indispor perante as práticas a serem realizadas na escola. Tudo precisa ser muito bem alinhavado, afinal, qualquer movimento de contravenção aos preceitos implementados podem causar um racha no processo como um todo.

Vale lembrar que os gestores não dispõem da escolha de profissionais para trabalhar segundo o perfil inerente à metodologia em questão, mas já existem tratativas pela busca por um mecanismo que dê aos diretores as ferramentas para escolha dos futuros profissionais, para que assim consigam fazer uma equipe mais coesa e comprometida, todavia, essa tentativa ainda não tem data nem programação definida, uma vez que nenhum profissional concursado pode ser obrigado ou coagido a deixar seu posto de ensino, mesmo que para tanto precise ficar num ambiente que irá se utilizar de práticas vistas como retrógradas e até ofensivas nas formas de ensinar.

O terreno minado de pensamentos ideológicos traz à tona enormes feridas abertas após o período de exceção vividos no país de 1964 a 1985. Por isso, quando o assunto a ser analisado se trata do sistema militar, prepare-se para o combate, muitas vezes de pessoas e não de ideias.

A defesa pela escola pública de qualidade sempre foi objeto de desejo e discurso carimbado de uma ala ideológica bem específica e presente nos ambientes escolares, de forma que, ao ser confrontada, trava uma batalha que dificilmente trará em si a possibilidade de diálogo, uma vez que tais virtudes

jamais poderão ser encontradas do outro lado do rio. Não interessando números ou atividades exitosas, no final, o termo militar segue sendo o inimigo a ser combatido.

Demonizar o oponente sempre foi uma tática relevante e atrativa para se debater um assunto, quando se perdem os argumentos, surgem as ofensas e julgamentos, afinal, deixar a água turva sempre foi um belo modo de se dificultar a visibilidade.

Nesse estilo, surgem as falsas premissas de que a escola não precisa ou tem sequer espaço para a prática militar, sendo, portanto, inadmissível a criação de escolas com pensamentos tão distintos num mesmo ambiente.

Porém, na realidade nua e crua, encontramos e mergulhamos em números desastrosos nos mais variados mecanismos de avaliação, mesmo após de décadas de pedagogia frouxa e incentivadora, onde a palavra limite não pode sequer ser dita, visto que, a liberdade, e só a liberdade pode fazer florescer nos estudantes a magia do aprender prazerosamente.

Todavia, para muitos, a necessidade de forjarmos na escola um ambiente de prazer e alegria, há muito tempo fez com que as coisas perdessem seu caminho, produzindo estudantes desinteressados e incapazes de realizar as atividades mais básicas, uma vez que sabem não existir mecanismos que os cobrem, nem apontem caminhos para melhorias em seus desempenhos.